Esta peça destina-se a ser representada pela Sociedade Artística Caracolense

Assis Pacheco Teatro da Trindade

Assis Pacheco

5-157-23

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
S. R.
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS
CENSURA
Titulo Por um Fio
Registo 4044 em 22/7/950
Censurado 1/8/950
para Teatro da Trindade
Decisão Aprovada

O. Fr

POR UM FIO...

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS
MAIORES DE 18 ANOS

APROVADA

Farsa em 3 actos, original de

Costa Ferreira

S. R.
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS
Aprovado Com cortes
Espectáculo para adultos

Contem 108 paginas e foi aprovada pela Comissão de Censura Com cortes nas paginas Nº 19 e 20

Em 1-8-950

Gaivão

Gaivão

MUSEU NACIONAL DO TEATRO

PERSONAGENS:

, leira, bonita

nem feia, auto-

amilia

á 10, não tem na-

ocupada e usa

ivial

do liceu e idea-

, é esperto e faz

se formar em di-

onseguiu advogar

constipação

dores

idade.

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

LICENÇA DE REPRESENTAÇÃO

Á empresa do Teatro Monumental

COM SEDE EM Lisboa

FICA AUTORIZADA A FAZER REPRESENTAR NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS A SEGUINTE PEÇA TEATRAL:

TÍTULO Por Um Fio

GÉNERO Farça

ORIGINAL Cosda Ferreira

ACTOS 3 tres QUADROS

TRADUTOR

ADAPTADOR

QUE FOI REGISTADA NA INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS SOB O N.º 4094 E APROVADA PELA COMISSÃO DE CENSURA, E CLASSIFICADA COMO

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS, 18 DE Julho DE 956.

O INSPECTOR DOS ESPECTÁCULOS

Oscar Fernandes

Palmeirim

PERSONAGENS:

Ela – Madalena — 25 anos, caprichosa, loira, bonita e muito mal educada

Micaela – Fernanda de Sousa — 39 anos, nem bonita nem feia, autoritária e mãe de familia

D.Francisca – Lucia Mariani — 50 anos, é viuva há 10, não tem nada que fazer

Miluca – Mariana Vilar — 26 anos, é feia, desocupada e usa óculos

A Criada – Fernanda Borsatti — 20 anos, e faz o trivial

Manuel Felicissimo — 40 anos, professor do liceu e idealista timido

Reis

Ele – Andrade e Silva — 30 anos, musculosos, é esperto e faz bons negócios.

Dr. Eusébio – Lemos — 24 anos, acabou de se formar em direiro e ainda não conseguiu advogar

C. Alves

O Visinho de cima — 70 anos e uma forte constipação

O Cobrador – Mario Santos — Como todos os cobradores

Acção: - Lisboa, Actualidade.

PRIMEIRO ACTO

CENA UNICA

A cena está dividida em duas partes desiguais, sendo a da E. apenas o espaço indispensável para uma cabine telefónica que deve estar colocada de modo a permitir que com a porta de vidros fechada se veja perfeitamente a mimica duma personagem que telefona. A da D. é um quarto de vestir duma mulher que julga ser elegante. Ao F. porta para um corredor que para a esquerda comunica com a escada principal do predio e para a direita com o interior da casa e por consequencia com a escada de serviço. Á D.B. janela. Á E.A. porta. Junto da janela grande otomana, mas quási ao centro da cena pequena mesa com um telefone. Á E.B. toucador cheio de frascos e utensilios de toilete e com o correspondente banco. Moveis que ladeiam a porta do F., cadeiras, muitos "bibelots"

NOTAS: - A) A sala da D. tambem não deve ser muito grande, e se o fôr, deve ter os moveis suficientes para que com 9 personagens em cena dê ao publico a sensação de aperto e sufocação.

B) Esta peça pode ser representada sem intervalos, se assim fôr julgado conveniente.

C E N A I

ELA E ELE

(ELA á D. com uma vistosa "desabillé" que a despe o mais que sensatamente fôr possivel, passeia nervosa, compõe almofadas e entrega-se a toda a mimica que costuma ocupar uma mulher desocupada que, contra os seus hábitos, espéra. - Á E. ELE aparece, vai á cabine telefónica, entra, fecha a porta, e faz uma liga-

ção. O telefone retine á direita. ELA atira-se rapidamente para a otomana e pega no auscultador, devendo contrastar este movimento rápido com o tom enfastiado com que a principio fala. As pausa do monologo d'ELA devem ser preenchidas pela mimica d'ELE que, desde que a porta da cabine esteja fechada, se não ouve.

ELA

Está?... Sou eu, sou, quem havia de ser?... Então isto é que são horas de telefonar?... Tu tens o descaramento de me aconselhar paciência?!... Desavergonhado!... Não tens desculpa nenhuma... Ainda se fôsses casado... Precisamente o quê?... O quê?!!... És casado!... Tu tens o descaramento de ser casado, imoralão!... Pois põe as cartas na mesa á tua vontade a ver se eu me ralo... Que culpa tenho eu que a tua mulher tivesse chegado?... Tu tens responsabilidades para comigo... De que é que eu preciso?!... Então tu não sabes que hoje é dia 7 ?... Então o que tem?... E a renda da casa?... Egoista!... Que me importa a mim que tenhas pago a tua, eu não arrendei a tua casa, arrendei a minha... (Recostando-se) Ah, bem, tratas disso e mandas-me o recibo... Ótimo... (sentando-se de novo) Ótimo, não. Que moda é essa agora de fazer as coisas pelo correio... (num berro) O que é que tu dizes?... Se estás a fazer de parvo a culpa não é minha... Não!... Isso não!... Tu estás a querer-me assustar, mas essa não pega... É já a terceira vez que rompes este mês e ainda hoje é dia 7... (de joelhos, na otomana) Porque é que hoje há-de ser a sério?!... Othelo!... (De bruços na otomana, mas deitada em sentido contrário áquele em que estava ao principio) O meu "Nhónhinhas" não vai ser feio... Para eu poder ir para a pândega á vontade!... Mas quem te disse que eu queria ir para a pândega?... Eu ao Estoril!... Mas que calúnia!... (rebolando da otomana para o chão) E com um velho, mas que grande po

ca vergonha... (berrando) Quem diz "pouca vergonha" sou eu, não és tu... (sentada á arabe no chão) Eu quero saber quem foi o safardana que disse uma coisa dessas... Se ele é uma pessoa respeitavel que não mente e disse uma coisa dessas é um grandecissimo intrujão... (meiga) Se fôsse teu amigo não te dizia uma coisa que te afasta da tua "cucaracha"... Mas ouve... Que me importa a mim que ele seja um juiz aposentado?... Para que é que eu hei-de respeitar um juiz que me não vai julgar... (de joelhos no chão) Tu vais mas é trazê-lo aqui por uma orelha... Esse homem odeia-me... O que é que ele te disse de mim?!... Acha-me bonita, não faz mais do que a sua obrigação... (levantando-se furiosa) Não o trazes aqui porque és um cobarde... Mas porque é que tu não acreditas no que eu te digo e vais acreditar num juiz que passa a vida a lidar com ladrões e assasssinos... (sentando-se no braço da otomana) Pois, pois diz-mz com quem andas e eu te direi as manhas que tens, já dizia a minha avó...

(Neste momento MANUEL FELICISSIMO aparece á E., vai abrir a porta da cabine, quando vê que ela está ocupada. Leva a mão ao chapeu num pedido de desculpa que ELE não vê, e dispõe-se a esperar)

C E N A II

Ela, Ele e Manuel Felicissimo

ELA

Salafrário!... Não és tu, é o juiz. Eu sei muito bem que ele é um salafrário... Nego, sim senhor... Sim, juro... juro pela tua saude... O quê?... Queres que jure pela minha?!... Mas que me importa a minha saúde quando tu me abandonas. (Faz um grande gesto, desequilibra-se e cai de costas na otomana) Ouve... Mas ouve... Não sejas cinico... Não, menina, ele continua... Mete 5 tostões, avarento, ou eu já nem sequer valho uma cerôa... Não tens?! Então tu vens falar comigo e nem sequer tra

zes corôas... Espere, menina.

ELE (que aflito remechcu os bolsos todos, abre a porta da cabine e vê Manuel) O sr. tem 5 tostões?

MANUEL (que já tinha na mão a sua moeda) Só tenho esta moeda...

ELE

Obrigado... (pega na moeda e fecha outra vez a porta da cabine)

(MANUEL fica pasmado, depois revira os bolsos todos, encolhe os ombros, e sai pela E. para voltar mais tarde com um sorriso nos lábios e outra moeda na mão) (Entretanto)

ELA

Está?... Está?... Ó menina não desligue... É um caso de vida ou de morte... Egoista, intereseira... (sentando-se na otomana) Não seja mal educada que eu queixo-me á Companhia... A menina não sabe com quem está a falar... Está?... Ah! és tu?... Sempre tinhas a moeda, mas estavas a fazer-te engraçado... A menina faça favor de ver que eu não falo a pelintras... Não discuto, mas discuto eu... Ouve, és tu?... Essa mulher já se foi embora?... Bem, escuta... Onde estávamos nós?... (recostando-se) Ah, estávamos no teu cinismo... Sim, porque tu és um cinico... Sempre tive essa impressão e agora tenho a certeza... (levantando-se de repente e dando uns passos a gesticular até se sentir presa pelo fio do telefone) Depois de tudo que eu fiz por ti... (vira-se e vai-se enrolando no fio) O que é que eu fiz por ti?... Tu tens o descaramento de perguntar o que é que eu fiz por ti... Mas dei-te tudo... O que é que eu te dei?... (sentindo-se enrolada no fio do telefone e começando a dar voltas em sentido contrário) Dei-te o meu futuro, ou vê lá se tambem querias que te desse o pretérito... (indignada) Oh!... Malcriado!... O que é que tu tens que dizer ao meu passado?... Então, era artista...(com o joelho esquerdo na otomana) Puzeste-me uma casa, olha o grande favor!.

Vê lá se tambem querias encontrar-te comigo na rua... Era o que faltava... Sim, uma casa que eu quiz que tivesse apenas o estritamente indispensável... A "chaufage", atiras-me com a "chaufage" á cara, que foi uma coisa que eu quiz apenas para te dar prazer... Sim, sim para não ficares frio quando me viésses visitar... O frigorifico, uma coisa que eu quiz só para fazer economias... (com os dois joelhos na otomana) Sim, porque fica muito mais barato fazer o gêlo em casa do que mandá-lo vir de fóra... Sim, sim tudo isso são desculpas... (passando por cima da otomana para o lado da janela) Ouve, mas eu passo por cima dos sacrificios todos que fiz por ti... Eu só quero o teu amor... O quê?!... Tu insultas-me?!... Tu tens o descaramento de me insultar deante de estranhos... Estás só? E então essa mulher que se mete na conversa para te pedir cerôas... Não fujas á conversa... Vais desligar... (trágica) Bem, está bem, já sei o que me resta fazer. (deixa-se cair ficando atravessada dexkkkkxkkkkk bruços na otomana com as pernas no ar a balouçar) Faz o que quizeres... (numa voz cava) Não te digo mais nada... Mais nada... Sei o que me resta fazer... Pois, pois é uma fita... Sim, que me importa a mim o que tu pensas... Isso, adeus... A...de... us... (languida) Para quê?!... Para quê viver?... A vida é uma enorme estopada... (em tom natural) Eu disse estopada... (novamente languida) Estou exausta... (leva as mãos aos rins como quem teve uma dôr, dá uma reviravolta rápida e fica sentada na otomana) Não me apetece fazer o mais pequeno movimento... (Começa a esticar-separa chegar a uma caixa de cigarros que está sobre a mesa) Estou estendida na otomana ao pé da janela... (Consegue tirar um cigarro e na voz nota-se um pouco do esforço fisico que está a fazer) O sol bate na vidraça... O que é que me doi?... Que te importa a ti?... (recomeça a mesma ginástica para chegar ao acendedor) Está um sol esplendoroso... Aí é o mesmo pois é, é a unica coisa que agora temos de comum... Isso, chama-me fiteira,

insulta-me... Sou "vamp" de cinema, pois sou... Adeus... E depois tu és um homem casado, acabáste de mo confessar... (agarrou finalmente o acendedor) Não quero fazer a infelicidade de ninguem... Eu sacrifico-me por ela... Adeus... Suavemente, docemente te digo... (ao acender o cigarro só com uma mão, queima um dêdo, que leva á boca, deixando cair o acendedor e num berro) Arre, estafermo!...

ELE (na cabine, dá um salto que atrai a atenção de Manuel. Furioso, larga o auscultador, que em vez de ficar no suporte cai e fica pendurado e abre a porta de repente, pregando com ela na cara de Manuel) Perdão!...

(MANUEL Julga que ELE lhe vai pagar os 5 tostões, mas ELE sai. Atónito MANUEL entra na cabine, deixando a porta aberta e olhando sempre o sitio por onde ELE desapareceu. Pega maquinalmente no auscultador) (Entretanto)

C E N A III

Ela e Manuel

ELA (chupando o dedo queimado)

Até me custa falar. São as minhas ultimas forças. Já não te insulto, não vale a pena! Tu não me amas, e o que resta na vida a uma mulher que na mais completa das inocencias deu tudo a um homem e depois sabe que ele é casado com outra? (pausa) Responde!...

MANUEL

Mas, perdão...

ELA (animada)

Ah, até a tua voz mudou. (acendendo finalmente o cigarro) Deixa, não te comovas, que importancia tem no mundo uma mulher a mais ou menos? Desprezas-me, mas eu amo-te.

MANUEL (engolindo em sêco)

Mas...